

3. Transmitir ou trafegar?

Confesso que às vezes "tenho no coração uma grande dor e um contínuo sofrimento", como escreve São Paulo (Rm 9,2), quando vejo que, muitas vezes, nas comunidades ou nos monges e monjas que visito e procuro acompanhar, como também nos sacerdotes ou leigos cristãos, não percebo a preocupação fundamental de viver a própria vocação de transmitir Cristo ao mundo; quando vejo que a preocupação de transmitir não coincide, ou não coincide mais, com a preocupação de transmitir Jesus Cristo.

Os mais jovens às vezes não se importam com nenhuma transmissão: para eles é suficiente receber e, se dão, o importante para eles é que todos reconheçam que o que estão dando vem de si mesmos, de seu trabalho, talento, capacidade e generosidade. As vezes têm planos brilhantes para transmitir ao mundo aquilo que seria a sua salvação, mas sem Jesus. Como o mundo, como todos, oferecemos ao mundo algumas "salvações", onde Cristo não está presente, onde Cristo não está envolvido, não é transmitido.

Os mais anciãos estão muitas vezes, ansiosos e inquietos com a transmissão das observâncias, tradições e edifícios. Desejam que tudo isto "sobreviva". É como se quisessem transmitir a vida monástica sem transmitir Cristo, que é o único significado da vida monástica cristã.

Estou generalizando, claro. Por todos os lados e sempre encontro jovens e anciãos que realmente vivem sua vocação com a única preocupação de amar a Cristo e transmiti-lo através de suas vidas, seu testemunho, muitas vezes silencioso e impotente, mas certamente fecundo, aconteça o que acontecer no presente e no futuro. Mas a impressão é que são apenas exceções, que aqueles e aquelas que realmente se importam com a transmissão evangélica, são sufocados por uma multidão ocupada em outros assuntos.

Talvez estas sejam as tendências que muitas vezes se opõem à vida monástica: aqueles que a vivem na transmissão de Cristo e aqueles que a vivem "traficando".

Vocês sabem que São Bento não ama muito o tráfego e o comércio, embora tenha consciência que também são necessários para a vida do mosteiro. No capítulo 57 da Regra, adverte os monges que exercem uma arte de não distorcer a verdadeira transmissão à qual somos consagrados. Pede que o monge orgulhoso, orgulhoso do que faz, não "transite" pela sua arte: "*per eam non transeat*" (RB 57,3). E quando se vedem os produtos do mosteiro, os monges encarregados da "transação" ("*per quorum manibus transigenda sunt*", 57,4) devem estar atentos contra fraudes. Pediu que se venda mais barato que os seculares "para que Deus seja glorificado em tudo" (57,9; 1 Pd 4,11). Faz-nos entender que nossas transações, nossos negócios, isto é tudo o que transmitimos como feito por nós, devem permanecer submissos e servir para transmitir a glória de Deus, no Filho predileto.

No mesmo sentido, o abade também é convidado a não se preocupar "com coisas transitórias [*transitoriis*], terrenas e caducas", mais do que a salvação das almas dos irmãos (cf. RB 2,33). Não esqueçamos que a "salvação das almas" não é um estado que as almas devem alcançar ou ganhar, mas o próprio Cristo, o Salvador, a quem o abade é chamado por primeiro a representar, transmitindo aos irmãos através de seus

ensinamentos e exemplo, para que possam se unir a Jesus, preferindo absolutamente nada a Ele, que nos conduz, todos juntos, para a vida eterna (cf. RB 72,11-12).

Gostaria aqui de simplesmente sublinhar, a partir destas passagens da Regra, o quanto é importante distinguir entre *transmissão* e *transição*. Quando um superior, uma superiora e a respectiva comunidade, se preocupam com "coisas transitórias" (RB 2,33), significa que colocam seu compromisso no nível daquilo que passa. A transição pode ser definida como um "movimento estático", uma mudança sem mudança. Passamos de uma situação para outra, de um tempo para outro, de uma geração para outra, sem mudar. Muda o externo, mudam os outros, mas nós não mudamos. Se passa pela história sem muitos problemas. É como uma família nobre e rica que consegue transmitir seu patrimônio e sua propriedade de uma geração para outra, sem ser afetada pelos movimentos da sociedade e da história. Como uma rolha de cortiça que permanece sempre na superfície da água, seja que o rio corra tranquilamente ou passe por desfiladeiros e falésias. Mas isto não é transmissão, porque o que se transmite não é nada além de si mesmo, os próprios bens, o patrimônio, não um presente que se recebe e por sua vez é doado. O dom de Cristo Salvador não "transita" através dos tempos: se transmite no seu Corpo que é a Igreja.

Neste sentido, é edificante meditar como os primeiros discípulos de Jesus viveram a transmissão.

Pode-se dizer que a transmissão encarnada por Jesus, a transmissão de Sua Pessoa pelo Pai para a humanidade, foi comunicada aos discípulos, à Igreja. E se transmite na Igreja, de discípulo para discípulo, de uma geração para outra, até o fim dos tempos.

Primeiro, a transmissão feita pelos discípulos, através da Igreja, reproduz o conteúdo e a forma da transmissão de Cristo, isto é, transmite a Pessoa de Jesus, sua presença, sua vida, palavra, ação e seu amor; e a transmite com a mesma humildade, com o mesmo desapego de si, vivido por Cristo. São Paulo, todos os Apóstolos, os Evangelistas, estavam sempre preocupados em nos dizer: "Vos transmitimos aquilo que simplesmente recebemos, Jesus Cristo, o Filho de Deus Salvador, que nós mesmos recebemos".

Não é por acaso que São Paulo expressa o sentido de sua vida como transmissão de Cristo, quando fala da Eucaristia: "Eu recebi do Senhor o que vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim". (1 Cor 11,23-24)

Até mesmo o kerygma, São Paulo, transmite porque o recebeu: "Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado, e ressurgiu ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e, em seguida, aos Doze. [...] E, por último de todos, apareceu também a mim, como a um aborto." (1 Cor 15,3-5.8)

Paulo sempre transmite um Cristo presente e vivo, um Cristo ressuscitado que ele encontrou e encontra. Não transmite os sacramentos como ritos, ou o kerygma como uma simples doutrina. Ele transmite Cristo presente que nos fala, que torna todas as Escrituras vivas.